



José Craveirinha: o outro grande combatente, o outro sonhador¹



A MINHA DOR

Dói
A mesmíssima angústia
nas almas
perto e à distância

E o preto que gritou
é a dor que se não vendeu
na hora do sol perdido.

In “Karingana Ua Karingana,
José Craveirinha)

Matos Matosse

Propus-me escrever sobre o livro *Cela 1*, de José Craveirinha. Livro publicado, com a chancela de INLD, em 1980. A capa é de A. Saldanha Coutinho. E tem 64 poemas. Destes, 11 poemas não têm títulos. Começa, aqui, o estilo poético de José Craveirinha. [Mas, sobre isto falarei, mais adiante]. José Craveirinha dedica este livro à Maria, sua esposa.

Não poderia ter começado a escrever sobre este livro, sem, no entanto, – dado o contexto histórico em que ele foi escrito, no período colonial, – transcrever a seguinte passagem estampada, logo, na primeira página deste livro: “Consequência da luta de libertação que conduziu a independência do País os poetas e prosadores de Moçambique podem agora ser editados em liberdade. Esta colecção é

¹ Este ensaio literário, sobre o livro CELA 1 do poeta José Craveirinha, foi extraído da antologia poética [JOSÉ CRAVEIRINHA: A VOZ DO NOSSO TEMPO (2022)], lançada, em 2022. Foi organizada pelo jornalista e escritor José dos Remédios, e conta com ensaístas, críticos literários e docentes de literatura: Lucílio Manjate, Albino Macuácuca, Léo Cote, Vanessa Rimbau Pinheiro, Carmen Lúcia Tindó Secco, Savio Roberto Fonseca de Freitas Américo Pacule, Dioniso Bahule, Zito Macário e Martins JC-Mapera, Dionísio Bahule, Francisco Noa, Óscar Fumo, Rita Chaves, e o próprio José dos Remédios.

a afirmação duma cultura que o poder opressor não pode destruir, pois não se pode manter indefinidamente silenciada a voz de um Povo”.

Os poemas que dão corpo a este livro foram escritos, entre os anos 1954 a 1970, período da dominação colonial portuguesa no nosso país. Daí, que José Craveirinha desenhe a sua temática em torno deste contexto histórico.

Em “O VÍCIO DO CIGARRO”, o primeiro poema do livro “Era não!/ Mas o tabaco/ é um vício.// E o vício/ fumado nas omoplatas/ põe-nos sobre a língua a nicotina/ e descerra os lábios/ para o sim”.

Este poema, aliás, em todos os textos, José Craveirinha usa a metáfora, para além de outros recursos estilísticos, para que a crítica severa que fazia não fosse, facilmente, desvendada pelos opressores. Prestemos a atenção às palavras *omoplata*, [o mesmo que escápula, que, em Anatomia, é osso plano na região do ombro que se articula com a clavícula e úmero], e *nicotina*, [esta alcaloide neurotóxico, encontrado, principalmente, no tabaco]; também, a forma verbal *descerra*; estas isotopias remetem-nos à temática de *confissão*, “o *sim*”. Esta confissão resulta da tortura, da porrada a que o sujeito poético era submetido pelo opressor, trazido, em outros textos do livro, como a Polícia Internacional e de Defesa do Estado – PIDE; a PIDE oprimia os presos [estes outros combatentes, na clandestinidade], usando o tabaco; com um cigarro, aceso, queimava os seus ombros [omoplatas], para que estes revelassem o segredo que ocultavam: “põe-nos sobre a língua a nicotina”, estritamente, ligado ao *sim*; a *confissão*. A nicotina – o *veneno* – irá prejudicar os companheiros. *Descerrar* os lábios é, o mesmo que *revelar*, *soltar segredos*, sobre os planos traçados, ligados à Luta Armada. Isto ocorre numa cadeia, prisão.

Em “JOELHOS EM CONTRADANÇA”, a temática é a mesma a do poema anterior, porém, o poeta tenta trazer duas realidades distintas que ocorrem em espaços diferentes: “joelhos puros de raparigas canibalizam/ os olhos masculinos nas esquinas das ruas”, e esta realidade: “E ao ritmo/ da contradança de joelhos nus nem parece/ que algures há cartilagens sangrando/ a esfolar-se no chão das cadeias”. A ideia de opressão é, indiscutivelmente, visível na segunda estrofe, com “marcas temáticas” como: *sangrando*, *esfolar-se*. José Craveirinha traz-nos – neste poema – o sofrimento desumano que os presos passavam na cadeia. “Nas mais frias manhãs de Julho/ a fome aquece-nos as barrigas”.

Em “UMA CANTIGA EM 3 TEMPOS”, poema com 7 estrofes, agrupadas da seguinte maneira: Tempos I e II com duas estrofes; Tempo III com três estrofes; no primeiro Tempo, o autor adverte: “O poeta enclausurado/ ou mesmo incomunicável seis meses/ circula/ e funciona/ como um irrevogável/ perfeito golpe de estado”; e, no segundo Tempo, revela a condição do poeta preso: “O poeta/ apesar de preso/ nunca tem o problema/ de sentir-se completamente só...//” [– prossegue o

sujeito poético –] “...Porque a poesia não lhe permite/ estar detido/ e ficar sozinho”. [– e este remate, fazendo referência ao grande filósofo grego do séc. IV a. C.: “Até Platão/ esperto já sabia disso!”

A poesia liberta. A poesia é a companheira do preso. Do oprimido. Do, totalmente, inconformado. Esta revelação do poeta José Craveirinha é, bastante, profunda. É uma *liberdade* difícil de ser compreendida por alguém que não se encarne no poeta. Incapaz de mergulhar no espírito de um poeta. Trata-se de uma outra sensação. Uma doce loucura.

Se no poema “O VÍCIO DO CIGARRO”, a temática é a de *confissão*, o *sim*; já, no “INTEROGATÓRIO”, a temática é, *não confissão*: “...Quietos/ quatro horas seguidas/ comodamente sentados numa cadeira/ ao milésimo século de perguntas/ voltamos à primeira infância/ e dá-nos forte sem mijo/ a mijaneira!// Mas.../ **não falamos!**” [o negrito é o meu, para salientar esta decisão corajosa do sujeito poético.] – E, no mesmo poema, na 6ª estrofe, mostra-nos a forte resistência, apesar: “...previamente as carícias/ de cacetadas.// E/ as bocas inchadas/ a sangue natural imitando o vermelho/ torna autêntico este verso”. Nota-se, no mesmo poema, como José Craveirinha torna a dor aguda, que desatina, *menos dolorosa*, recorrendo ao eufemismo: “...as carícias/ de cacetadas”. [Estes versos de José Craveirinha lembram-me os de Fernando Pessoa: “O poeta é um fingidor./ Finge tão completamente/ que chega a fingir que é dor/ a dor que deveras sente”; e estes versos: “E os que leem o que escreve,/ na dor lida sentem bem,/ não as duas que ele teve,/ mas só a que eles não tem”.]

O poema “APARÊNCIAS” tem alguma ligação temática com o INTEROGATÓRIO. O autor começa-o com um vocativo: “Amigos!” José Craveirinha, ao recorrer a esta forma de comunicação, não o faz por acaso; é para aproximar, cada vez mais, o sujeito poético dos leitores, mas também, conquistar a atenção destes: “Amigos!/ Apesar das aparências/ estarem de acordo com as circunstâncias/ não sou eu quem morre de medo.// Antes/ Durante/ E após os interrogatórios/ (inclusive nos quotidianos trajectos do jipe)/ a minha língua é que torna de papel almaço/ E as minhas desavergonhadas rótulas de borracha/ Coitadas é que tremem”. [O jipe era o tal carro usado pela PIDE. Era, por isso, também, o instrumento de opressão.]

E no poema da pág. 38: “Ao bom evangelho dos cassetetes/ ouvir avoengos pássaros bantos/ cantarem algures nos ombros/ velhas melodias de feridas.// E depois/ a sedutora persuasão das ameaças/ pela décima segunda vez humildemente/ pensar: Não sou luso-ultramarino/ SOU MOÇAMBICANO!// Será suficiente esta confissão/ sr. Chefe dos cassetetes/ da 2ª brigada?”, mostra-se uma forte determinação do sujeito poético.

Na abordagem da temática de *isolamento*, “AFORISMO”, o autor, como se estivesse a narrar uma estória [recordando à fábula], usa a imagem de uma formiga, esta como sendo a sua única companheira da cela, partilhando juntos a refeição, porém, a formiga não era interrogada pelo opressor. E esta passagem que deixa transparecer, claramente, a *tortura*, que, aliás, prevalece em quase toda a sua poesia: “...Mas aos dois intencionalmente/ podiam pôr-nos de rastos/ mas não podem/ ajoelhar-nos”.

Em “PAIXÃO SECRETA”, há uma descrição das actividades secretas que eram realizadas por eles, na clandestinidade: “...Mas/ a arma da paixão mais secreta/ dos filhos que amam a terra-mãe cem por cento/ é o alarido pungente do sangue/ quando nós e elas amorosamente/ vamos distribuir panfletos/ às 2 horas da madrugada/ e a pide nos apanha”.

A relação que existia entre o opressor e oprimido, como é natural, foi a de ódio, marcada por tortura: mordanças, palmatoadas, calabouços, revólver, anilhas de ferro nos tornozelos, “... um cobertor pequeno para os quatro/ e numa tábua despregada no chão...”; “...o argumento/ do cigarro na boca e lúgubre revólver em cima da mesa”, “AMOR A DOER”. Todas estas formas de tortura eram para os obrigarem a *confessar*, a *denunciar* os planos e, “... mostrarem o papel guardado na tábua do soalho/ ali a fazer do amor escondido/ o futuro de um povo”, (idem).

As formas de tortura continuam marcantes no poema “POETA ATIRADO AOS BICHOS”: “...na mata à ferroada/ dos insectos de obuses”; nestes dois versos, o poeta apresenta-nos as isotopias “bélicas”, que têm que ver, sobremaneira, com a maneira feroz de tortura, mas, sempre, como, já, nos habitou, Craveirinha, com alguma metáfora, claro. E nestes: “...mas unicamente nacos fixos de um poeta/ de carne em sangue no meio deste zoo/ atirado aos bichos!” José Craveirinha, partindo do cruzamento temático, *amor vs revolta*, mostra-nos a forma mais cruel e desumana como o ser humano – na condição dos que eram perseguidos pela PIDE – passava.

Apesar desta tortura, os combatentes não se humilhavam. Continuavam firmes aos seus planos e objectivos. Mais fortes, ainda.

O poema “OS PRIVILEGIADOS”: “Como único privilégio/ os poetas usufruem a própria morte/ para viverem ainda mais a sua pátria.// Por isso/ mesmo que tentem/ não existem quizumbas que façam parar/ o lume deste rastilho”; e o da pág. 30, [sem título] “Sobre/ os telhados brunidos de cacimba/ prevalece o ritmo das feridas/ depois da hemorragia/ a desinfectar/ as injúrias.// Mas ao longo das veias/ ouvir-se em surdina/ cantamos com força/ este sangue.” – são testemunhos desta força, desta união, desta determinação dos combatentes, deste juramento, deste amor pela pátria.

No poema da pág. 34, face a vários acontecimentos, o sujeito poético manifesta a sua dúvida sobre a existência de Deus, *descrença em Deus*: “Não sei se existe Deus”. E faz este contraste, recorrendo à

conjunção adversativa, *mas*, para demonstrar a sua crença, a sua fé em Deus: “Mas se Deus existe.../ **Ele está com toda a certeza/ a comer comigo** esta farinha/ no mesmo prato”. [O negrito é o meu.] Da temática de *descrença em Deus* ou de situação de dúvida que tinha o sujeito poético para a de *crença em Deus*. Esta intenção do poeta é para, sobretudo neste contexto, mostrar **a busca de Deus**, quando o homem se encontra numa situação de tristeza e não só. E, igualmente, mostra que o Totalmente Outro não abandona os Seus filhos.

É impressionante a força interior que José Craveirinha tem; uma força que o move a vencer as vicissitudes para poder deixar registada alguma coisa sobre essa fase histórica que ele, – como sujeito poético e os outros – identificados nos textos pelo pronome pessoal da primeira pessoa gramatical do plural *nós* viveram.

Em “POEMA DO ALFINETE MÁGICO”, [*poema escrito com um alfinete num papel higiénico, em 1966*] sente-se, com orgulho, isto: “Com um inofensivo alfinete mágico/ nós os sonhadores moçambicanos/ de cerrados maxilares invocamos os desejos/ e suspendemos os corações nas janelas/ donde a lua e o sol quando entram/ entram gradeados// E/ nesta ausência da família pensamos/ como seria bom estarmos todos juntos a almoçar/ todos juntos a almoçar qualquer coisa lá em casa/ mas depois do grande sonho conseguido// Com este alfinete mágico/ as rezas que rezamos desajoelhados/ são rezas inauditas a uma espingarda/ mais do que deus dos milagres/ das suas balas desgradeando/ o sol inteiro de dia/ e à noite a lua toda”.

Ainda neste poema, o sujeito poético sente, tristemente, a falta da sua família. O advérbio de lugar – *lá*, evidencia *o espaço, o lugar* [onde família se encontra.] São estes lugares distintos que os isolam.

Em “DIA DE VISITA”, apesar de ver a família, em dia de visita, o tempo estabelecido não é suficiente: “Lembras-te amigo Luís?/ Por semana eram duas vezes meia hora/ e o guarda de turno a avisar/ – «São 30 minutos e acabou!»// E tinham de ser exactamente 30 minutos.// Mas a cada visita/ ao trigésimo primeiro minuto/ já não era o tempo regulamentar excedido.// Mais sessenta segundos com a família/ não era mais nada/ ...ERA OURO! ”.

Este tratamento humilhante por que passava o sujeito poético, era, igualmente, passado pelos seus filhos, na escola. José Craveirinha traz-nos isso no poema “OS DOIS MENINOS MAUS ESTUDANTES”; é um poema em forma de uma narrativa, em que Zeca e Stélio, ambos filhos de José Craveirinha, conversam com a mãe acerca da escola. Zeca e Stélio não queriam ir mais à escola. Mas não diziam as razões à sua mãe: “– A sôra professora chama-nos filhos de uma turra, mamã”. Claro, o autor traz esta triste realidade, como uma crítica a discriminação perpetuada por aqueles que o autor os chama de ‘chefes’, ‘patrão’, e acontecia, também, com vários meninos.

Sugiro a leitura deste poema das págs. 41 e 42.

APONTAMENTO NO MATO

O mato acorda

excitado aos libidinosos beijos das automáticas.

Cuidado!

Atira-te ao meu lado.

Não levantes a cabeça

nem te mexes.

Ouves?

Calma.

Não tenhas receio.

Foi o espasmo de um morteiro

e esse gorgueio é o voo

dos moscardos

de estilhaços.

Querida:

Deixa-me beijar-te agora.

Mas à voz de saltar

Atenção!

Cerra os dentes

e salta em frente

também a fazer fogo

companheira!

Os poemas deste autor, apesar de abordarem, na maioria, a temática que gira, à volta da *revolta*, da *opressão*, da *confissão*, de *rejeição*, de *isolamento*, só para dar alguns exemplos, cada um tem a sua forma. Isto é, cada um reúne as suas próprias marcas [isotopias] que nos levam à identificação do tema. O autor dá-lhes um *traço* único. Não cansa o leitor ao lê-los, pela forma como o autor os esculpe.

Sinta o suco de uma poesia, simples, mas com jogo de palavras interessantíssimo: “POEMETO”: “Na cidade calada à força/ agora falamos mais.// Que para violar este silêncio/ basta porem-nos juntos/ na prisão”; e este: “LÂMPADA”: “Sei/ que depois a pele transpira/ até à lâmpada resplandecente/ e que no Verão vóltios/ os meus dentes batem de frio.// Obviamente então/ a metamorfose dos mudos/ quando tem de suceder/ sucede luminosamente”.

Nestes dois poemas, Craveirinha, tal como o faz em outros textos, brinca – [eu, particularmente, gosto deste jogo de palavras, seja com este poeta ou com outros que o consigam o recriar. Vi jogo similar, em Armando Artur e em Nick do Rosário. Acho que a poesia só é uma verdadeira obra de arte, quando for esculpida com este esmero artístico, com a musicalidade, ritmo, forma e, pontuação que produza sensações diversas, jamais conseguidas num texto não artístico.] – com as palavras que, só podem ser, facilmente, compreendidas, quando forem peneiradas, cuidadosamente, até ao âmago. Por exemplo: veja o que acontece nestes versos: “e que no Verão vóltios/ os meus dentes batem de frio”. [Verão = *tempo quente*. Estação do ano posterior a primavera e que antecede o outono. Vóltios = unidade de medida de voltagem. E voltagem? Será diferença de potencial eléctrico entre dois pontos medida em *volts*.]

E, em “A ÚLTIMA PORTA”, “Última porta à direita/ O mundo ensurdecido de moscas de silêncio/...”; continuando com exemplos de jogo de palavras: “...e o tátil gosto das pontas dos dedos nas paredes/ aculturações em comum dos homens/ enquanto escafandrizados os malucos/ respiram a *ternura dos varões*”. [*varões* = grades das celas. Prisão. Preste a atenção à palavra *ternura*. Este alinhamento **ternura** vs **varões**.

Em outro texto, “VIGÉSIMO DIA DO QUARTO MÊS”, “...na esquizofrenia dos ferrolhos”. [**Ferrolhos** e **varões**, significando **grades, prisão**.]; “...ensurdecidas de silêncio dos ponteiros de angústia...”, “PORTA”.

Recursos estilísticos predominantes na poesia de Craveirinha

Metáfora, anáfora, sinestesia, metonímia, [...estendido a ler o meu amigo Gorki”, “SAUDADE”], antítese, parataxe, paralelismo estrutural, comparação, ironia, [...E no sofrimento deste prédio...// ...nos boicotam o irreduzível consenso deste sofrimento/ habituando sem pagar renda esta moradia...”, “CONSENSO”], advérbio enfatizante, [...é fantástico como nos movemos terríveis...”], encavalamento. Recorre, também, a figuras de animais: cão, formiga, javalis, pássaros.

Ainda, recorre, igualmente, à repetição da preposição, *mas* [14 vezes, seja no início de uma estrofe: “**Mas** a pátria/ de momento acontece-me/ a frio no reverso insistente da ternura/...”, SAUDADE; 9 vezes, no início de um verso: “Não sei se existe Deus. (verso 1)/**Mas** se Deus existe (verso 2) / Ele está com toda a certeza (verso 3)...”].

Outra temática que o autor no-lo traz é a de *amor*, em alguns casos, recorrendo ao cruzamento temático, por exemplo, o texto da pág. 72: “Amiga:/ No febril conluio dos mútuos póros/ nossos lábios sussurram-se/ as respectivas músicas/ de Amor/ e só!!! Mas/ nos ofegantes muros das penitenciárias/ nem uma Sofia Loren/ nem uma Gina Lollobrigida/ nem uma tal de Ava Gardner/ e nem tu minha amiga/ com todas as vossas ferramentas de prazer/ nos boicotam o irreduzível consenso deste sofrimento/ habituando sem pagar renda esta moradia/ de quatro paredes/ uma porta de ferro/ e uma espécie de janela com persianas de varões.// E no sofrimento deste prédio/ nós os presos e os que não foram presos/ conseguimos o seguinte consenso:/ – Voz de prisão aos carcereiros!”

Neste texto, como, já, havia dito, o autor trabalha com dois temas: **amor vs prisão** [= sofrimento (...sangram cotovelos nos ladrilhos., “CIRCUITO FECHADO”), isolamento], recorrendo a seguintes isotopias: amor – lábios sussurram-se – ferramentas de prazer; ofegantes – penitenciárias – portas de ferro – persianas de varões – presos – prisão – carcereiros.

Outro texto que posso trazê-lo como exemplo, cuja temática é a de *amor*: “PARA UM IDÍLIO CLANDESTINO”: “Deixe-me que te beije/ ao de leve o rosto na manhã nova/ e meus dedos acariciem/ nervosos a curva meiga do teu seio.// Meu amor:/ o senso fragmenta-me a sensibilidade/ e o que sei sinto-o/ larva plena do que há-de vir.// Tu e eu/ envolvidos nesta aventura/ esperamos o comprometido instante/ nalguma parte a sós.// Vai. Não te esqueças./ Nesta manhã do Infulene/ ao quilometro dez da liberdade/ o sobrenatural acontece: É assim./ E tu minha mulher/ depois da visita partes à vontade/ mas não livre”.

Outros poemas que sugiro que se leia: “UM SIMPLES POEMA FÚTIL DE AMOR”, um excerto, no qual o poeta faz, ainda este jogo de palavras, com a metáfora a transpirar: [“Teus palpitações

pássaros” = seios. Mamas.]; [“Mas para gozar também o dedo/ No clitórico gatilho imprescindível”
= parte íntima de uma mulher.]

“(…)

Teus palpitantes pássaros

Cativos na blusa as pintinhas azuis

Mas para gozar também o dedo

No clitórico gatilho imprescindível.

(…)”.

No poema “CELA 1”, que dá o título ao livro, o sujeito poético compara-se a um cão danado, raivoso, aborrecido. Parece alguém desesperado. Sem coragem de contar aos seus filhos tudo o que aconteceu com ele e com outros *inquilinos* da cela. Filhos que cresceram longe do pai. Filhos rejeitados na escola. O poema termina com um sentido de “vingança”(?):

CELA 1

Aqui estou neurasténico

como um cão

danado a lambar a salgada

crosta das velhas feridas.

Em que língua

e com que rosto

aos meus filhos órfãos de pai

eu vou dizer que se esqueçam.

Talvez o que o entristece e cria-o esse sentimento de “vingança”, da “revolta”, seja este desprezo sofrido: “Zangado/ acreditas no insulto/ e chamas-me **negro**./ Mas não me chamas **negro**./ Assim

não te odeio./ Porque se me chamas negro/ encolho os meus elásticos ombros/ e com pena de ti sorrio”.

José Craveirinha mostra-se, no poema “NÃO SEI SE É UMA MEDALHA”, confiante no fim deste sofrimento, de toda esta opressão: “Alguma vez/ um cigarro aceso sentirá o delicioso/ sabor de te fumar de repente/ o ombro direito?// Pois/ sobre isso eu juro/ que tudo é pura mentira”. Apesar disso, as marcas que o cigarro deixou crivadas no seu corpo: “Juro/ que nunca um cigarro LM/ apagou sua idiossincrásica boca de lume/ no calor escuro da minha omoplata”. Outra passagem deste poema: “E também confesso/ que se esta invenção tivesse acontecido/ muito provavelmente seria em mil novecentos/ e sessenta e seis a tarde numa certa **Vila Algarve**/ enquanto pela duodécima vez/ eu abanava a cabeça/ e dizia: – Não sei!// Por acaso/ a mancha desta mentira está./ Não sei se é uma medalha. Mas não sai mais”. [O negrito é o meu. Lugar onde a PIDE encarcerava e oprimia os presos. Hoje, é um lugar abandonado. Um lugar histórico olvidado.]

Em “METAMORFOSE”, José Craveirinha, enclausurado, tenta expressar a saudade que tem do mundo fora, claramente (!), mas, principalmente, das coisas boas que existem, lá; uma dessas coisas boas são as mulheres, e, aqui, traz-nos os nomes de Sofia Loren, Cláudia Cardinale e Ava Gardner. Estas tinham uma coisa em comum: eram atrizes, ícones de cinema, actuaram, quase no mesmo período. Eram mulheres muito bonitas. Talvez, naquela época, tidas como padrão de beleza.

José Craveirinha sente tanta saudade da Maria – [desta mulher que viveu muito tempo com ela, mas, por causa da prisão, viu-se obrigado a se separar dela] – que acaba – Maria – a “agitar” na sua intensa imaginação, criando um mundo utópico, aliás, também, criado, em relação a Sofia Loren, Cláudia Cardinale e Ava Gardner, que mesmo sem as ter conhecido, presencialmente, admirava a sua beleza e caía num erotismo quimérico. Sente-se esta relação de intimidade com as três e com uma outra [aqui, não nos dá o seu nome] – mas, tudo dentro deste «utopismo»: “Em dois anos/ meus **dedos metamorfoses**/ de Sofia Loren, Cláudia Cardinale/ **voluptuosamente só traíram**/ a minha ex-querida Ava Gardner/ outro nome não digo/ e minha esposa Maria”.

Estes nomes Sofia Loren e Ava Gardner voltam a serem mencionados pelo poeta no texto da pág. 72, e, agora, com mais um novo nome: Gina Lolobrigida, também, atriz de cinema e fotógrafa italiana.

Para fechar a temática de amor, este texto da página 91, [sem título], em que o autor nos fala da beleza, do amor vs ódio, prisão. Mas não de um amor fingido, dissimulado; fala-nos do amor verdadeiro, sério: “Minha mais querida./ Mais do que nunca/ é necessário/ amar./ Mas amar bem./ Amar muito./ Amar sempre mais./ Amar sim como só eu te amo./ Amar mais do que é preciso./ Amar muitas vezes desesperadamente./ Amar sempre tanto/ tanto.../ tanto.../ tanto quase como

quem delira.// Ou então meu amor/ amar acima de tudo/ e além de todos/ mas amar sempre mais do que a raiva/ mil vezes raivosa de quem na prisão/ nos odeia!”

Vamos ao alinhamento das isotopias: **amar**: amar bem – amar muito – sempre mais – amar mais do que é preciso – amar muitas vezes desesperadamente [ideia de que não se deve amar, esperando alguma coisa em troca] – sempre tanto – tanto – [e esta comparação: como quem delira] – amar acima de tudo – além de todos [aqui, o poeta nos remete à ideia implícita de Transcendência. De reconhecimento da existência de Deus. Revelação de ética religiosa.] – amar sempre mais do que a raiva, mil vezes raivosa de quem na prisão nos odeia! Por fim: amar para vencer o ódio. A inveja. A concupiscência. Os homicídios. Roubos. Violação. Injustiças, etc.

Este texto surge como uma advertência, um apelo, depois de toda a maldade e desumanidade vistas nos outros textos. Se calhar, seja por esse propósito que José Craveirinha colocou-o no fim do livro, como último, para fechar todo o seu pensamento e intenção poéticas.

O sujeito poético encontra o *consolo* no colo de uma mulher: “Teu colo/ preâmbulo de amor/ esgota-me o desespero/ E tudo o que me acontece/ em ti divide-me num só...”, [sem título], pág. 59.

Tentativa de conclusão: A poesia de José Craveirinha é a de COMBATE. Foi escrita, no período colonial. É uma poesia que «se impunha, como uma continuação da voz dos guerrilheiros da FRELIMO.», in POESIA DE COMBATE 2, (1977). As dores e o sofrimento apresentados por Craveirinha não foram sentidos, somente, por ele, mas por todos aqueles que eram perseguidos pela PIDE, responsável pela repressão de todas as formas de oposição ao regime político do Estado Novo, [...Ah!/ Grandes pides!...”, “Instruções”, pág. 84.], e eram sujeitos à privação de sono, ao isolamento, às más condições alimentares, higiénicas e saúde o que os levavam, muitas vezes, à morte. Alguns presos eram encarcerados na Vila Algarve. Este edifício, hoje, abandonado e, albergando outros *inquilinos*, os sem-abrigo. No meu poema “Mendigo”, assim descrevo aquela ruína onde antes funcionou a PIDE: “...E nas cavernas abandonadas da Vila Algarve,/ tatuadas com sangue de presos políticos, verdadeiros heróis desta Pátria”².

José Craveirinha ordenou os seus textos de tal maneira que o das págs. 89 e 90 pode ser interpretado como aquele que marca o fim da opressão, todavia, não apaga as marcas deixadas pelo cigarro e outras formas de tortura. O da pág. 91, que apela ao amor; o amor que fá-lo-á perdoar e vencer o ódio: “...mas amar sempre mais do que a raiva...” Todavia, o poema CELA 1, parece estar, tendencialmente, a quebrar esta pretensão do autor, ao trazer um o sujeito poético “vingativo”. Mas não. Não deve ser analisada dessa forma esta pretensão do autor.

² In MATOSSE (2017).

A poesia de Craveirinha traz as desigualdades sociais: “...Por isso/ muito logicamente/ os negros quando querem comida/ tiram todo o arroz/ do prato do patrão”. Esta dicotomia: rico vs pobre; patrão vs negro, turra.

É uma poesia histórica. Uma escola. Uma poesia livre, cujos versos são simples, curtos, na maior parte, entretanto, com uma profundidade surpreendente. É uma poesia rica. Bela. Apesar de difícil interpretação.

José Craveirinha, para ocultar a sua própria identidade, para que a censura não lhe identificasse, usou alguns pseudónimos como: Mário Vieira, J, Cravo, Jesuíno Cravo, Jota Cê.

“E a minha guerra/ é a do poeta na sua Paz”., pág. 60. Uma luta constante; uma luta sentida em cada verso derramada a tinta neste livro. uma luta travada nesta *revolta*: “...Mas não me chamas negro”., pág. 62. Craveirinha sabia que «o importante não é vencer todos os dias, mas lutar sempre»., como diria o professor brasileiro Waldemar Martins.

Ferrovário, 28 de Junho de 2022

Referências bibliográficas

CRAVEIRINHA, José, *CELA 1*, INLD, Maputo, 1980.

CRAVEIRINHA, José, *O folclore moçambicano e as suas tendências*, Alcance Editores, Maputo, Junho de 2009.

.....*Poesia de Combate 2*, INLD, Dezembro de 1977.

MATOSSE, Matos. *A Sombra dos Sonhos – poemas de 1986 a 2009*. Maputo: Prelo Clássico, 2017.

Autor

Matos Matosse

Professor, escritor e ensaísta literário. É membro fundador do Círculo Académico de Letras e Artes de Moçambique, CALAM.

E-mail: chonape.matosse@gmail.com

+258 844164395

Moçambique - Maputo